

Augusta Corrêa

Porque sim é resposta

Arte e vida *unem-se*¹ na extinção mais perfeita de todos os porquês do mundo, desenlaçando-se em nós. *Fundem-se*^{1,2} na eliminação absoluta de toda e qualquer “arte de viver”, na mais perfeita inadequação desta expressão, na desactualização mais *concretizada* das ideias que a presidem e no fracasso total dos *projectos* que a põem em perspectiva e que a perseguem. Quando arte e vida formam^{1,3} *um* a humanidade resolve-se^{1,4} com o nada.

Arte e vida *nascem* unas no perpétuo nascer (*atópico e incognoscível*) do *presente* – do sempre. Crer numa “arte de viver” será desejar intensamente estar lá, estar aí, no presente, e aceder *conscientemente* a essa unidade, fomentando a profunda ilusão (que só poderá ser ou absolutamente feliz ou totalmente infeliz) de que esse estado nato, esse *acontecimento* nascente e natural, possa ser fenomenologicamente *conhecido*, induzido, provocado, intencionado, criado por via artificial. Mas uma arte de viver não une nem pode unir arte e vida, antes as *reúne*. Para reunir é preciso partir da desunião – do artifício humano que parte do tempo e do espaço partidos à partida em *dois* – *separando*², dividindo, e sub-dividindo sempre, para poder relacionar e engendrar – por vezes com arte – a optimização de articulações *duais*. Qualquer “arte de viver” tomaria o partido de partir do que está partido em dois à partida. Mas, no entanto, move-se para essa vertigem *do um*, po-

1 _unir-se-iam / uniram-se / unir-se-ão / uniam-se (...? pode o uno ter vários modos e diferentes tempos verbais para o verbo unir? Terá de abarcar todos os modos, tempos, espaços, nus, num só?) || 1.2 “...[...]-se-iam...” / “...[...]-se-ão...” / “...[...]-avam-se...” / “...[...]-iram-se...” || 1.3 “...[...]-ram...” / “...[...]-vam...” / “...[...]-sem...” || 1.4 “...a humanidade [...]-se-ia / [...]-se-á / [...]-via-se...”

2 Esse afastamento é o seu *a priori*, tão artificial como todos os *a priori*.

tenciando relações intempestivas entre arte e vida, e visando pacificá-las³ em comprazimentos, recalcamientos e catarses (limiars de prazer, por vezes dolorosos; limites satisfatórios, sempre insuficientes), e não há catarse para a violência existencial do *uno*, para a sublimidade bruta do ser a ser sendo. Partindo em dois, uma arte de viver *seria* como que uma força que contraria o magnetismo de dois ímanes, interrompendo o campo magnético no pico de atracção, permitindo que os ímanes se aproximem o mais que podem, por vezes estimulando colisões (algumas delas terroríficas, mortificantes, petrificantes) mas sempre controladas para não se destruírem mutuamente. Como o *amor* (o *eros* como força)⁴, uma arte de viver implica um cuidadoso *culto* da *separação* em atitudes, rituais e *formas de vida* que gerem esse intervalo entre arte e vida, conservando a possibilidade de interacção que uma unidade total não permitiria, e prestando manutenção a um “dois” em que se apoia e que ajuda a germinar de par em par. No jogo duplo dessa dualidade, *apresenta-se o espectro da representação* que mundifica o nosso mundo humano, a nossa mundividência. Nessa dança, geram-se as imagens, os *duplos*,

3 Ao momento mais ambientado desse trabalho de paz chamaremos *Ócio*. Não admira que, na história, “arte de viver” surja tantas vezes associado a um estádio ocioso, de um *quotidiano desabitado*, não habitual, fora do hábito. E – não sejamos tacanhos – esse pode ser um ócio dos ricos, mas também dos pobres, de burgueses, de proletários, de latifundiários e de camponeses (com quantos nomes discrimina a história o indivíduo – o “ser humano” – por quem tão raramente fala?), uma paz indistinta em que se acha terreno fértil para *dizer* “arte de viver”. O estádio ocioso imposto por qualquer arquétipo de uma “arte de viver” tem modos dúbios e ambíguos de seguir o princípio de prazer que nele lateja. Em primeiro lugar o *Ócio* não é sinónimo de inacção e não é a ausência de *trabalho*. Será, sim, um prazer que dá muito trabalho e que acarreta sofrimento (paz não é sinónimo de felicidade, nem a felicidade o é de alegria). A possibilidade de uma arte de viver só pode nascer nessa paz ociosa que será dos poucos casos em que é preciso alguma paz para sofrer, em que é possível uma paz trágica, meditativa, onde possa imperar a melancolia, podendo até esgotar-se nela [que dizer dos sofrimentos idealizados no mais ocioso Alberto Caeiro?]. Mas as trabalhosas penas de uma arte de viver não se confundem com os sofrimentos da laboração (nem com os seus prazeres, que também os há). Pode até ocorrer ao mesmo tempo que a labora, durante a jorna, mas sendo outro tipo de *trabalho*, talvez aquele *trabalho improdutivo* de que fala o *fazer* do Januário.

4 Uma “Arte de viver” seria como que um *amor* erótico que reúne arte e vida sem nunca as unir. É nada na separação, como o *symbolon* foi nada da divisão de um mesmo corpo, sendo *Eros* a força de atracção entre dois, e dele nadas as *formas* humanas que se conhecem [Platão, *Banquete* (Discurso de Aristófanes)].

germes da ficção e do simbólico, de onde germina toda a *linguagem*, a verdadeira mentira, que fabrica o real e que alveja a verdade (a uma distância telescópica) no seu coração mais profundo, oculto, desconhecido e *presente*. Separadas, a arte *dá forma*, e *a vida é forma*. Mas uma pretensa “arte de viver” não forma; formula-ria. Arte e vida, formam – com o tudo o resto entre elas – um mesmo ser *natural*⁵ e só, só e apenas, no seu perpétuo *nasc*er, *insubstanciado* no *presente*. Uma arte de viver geraria fortes e belos laços estetizados *entre* nós; a união de arte e vida – em que estética e ética são *um*, são *o mesmo*¹⁸ – gera-nos brutos e violentos nós.

No impossível advento *uno* da arte em vida e da vida como arte (o *advento* impossível daquilo que nunca advirá mas que apenas *devém* e não cessa de devir *uno*)⁶, toda a “arte de viver” passaria a ser obsolescência já superada e absolutamente⁷ *desnecessária*. De cada vez que esse devir provém⁸ (como *real* força), qualquer “arte de viver” tornar-se-ia redondamente demitida por aquilo que mais deseja (e em que mais acredita quem nela crê): eclipsar-se-ia na união indiferenciada da arte com a vida e da vida na arte. Nos instantes em que se sente a prospecção dessa união indistinta num mesmo e singular *sim* (o violento, e irredutível *sim* do *uno*, da singularidade única da existência) toda as quimeras de uma “arte de viver” constata-se – de *facto* – na sua única verdade: a de ser “mera” formulação linguística e conceptual. Os seus lemas e as suas ambições quedam-se aí dispensadas e relegadas ao *cumprimento da sua inoperância* – e é missão cumprida! O anúncio que carregam consigo evapora-se, pois já não há arte/e/vida em *relação*, já não haverá um_dois, já só haveria um_um, um só, um só plano, que é pleno, que é uno, que é só, que só é, só, que é um, que, só, é; é; é; é; e só, assim, só, pode

5 Com Blanchot – e com todos os outros - reecoamos a crença de que natureza é aquilo que nasce incessantemente e não cessa de nascer, pois é (i)nata do nada, é *nada do nada* e nós nadamos nela – nadamos na *nossa* natureza nata do nada.

6 União suspensa num devir incessante, união que devém sempre nunca advindo.

7 “Absoluto”: *Simile* da intangibilidade (s\ sentido) [W, *A lecture on ethics*], é lá, que o todo se situa, bem junto ao nada, no uno.

8 Sim, esse *mesmo* momento, sim, o momento de um *sim* ao *uno* infixável, que não é instante mas instância, o presente sem fixidade, que a obra de arte almeja fixar – ao vir à presença – na transitoriedade da (sua) matéria, no instante de um *sim* dado ao mundo com que aparece, e se apresenta no sentido.

ser. **Aí**, no presente, o sentido que “arte de viver” enuncia cai, *sendo*. Já não pode acompanhar a *experiência* nem dialogar com o mundo, não tem referente, já não pode fomentar qualquer dialéctica dual, argumento ou significado. Só neste movimento de anulação “arte de viver” deixa de ser uma proposição lógica, um enredo, um arquétipo, um esquema, uma abstracção, e passa a ser processo em exercício. Como uma linguagem em uso, uma arte de viver teria de se esquecer de si própria, arrastada pelo esquecimento do si próprio da comunidade que a carregasse⁹, des-subjectivando-se.

Só enquanto se apaga e desfuncionaliza perdendo todo a correspondência empírica, todo o *cabimento*, quando já não é conceito, já não subsume nem é *conforme a(o) nada*, é que uma “arte de viver” vai *nascendo* como *acontecimento* prático, e só neste estágio [*inconsciencializado*, e já não apenas *inconsciente*] de *ignorância*¹⁰ sobre si mesma pode o processo existir. Só quando já nenhum impulso pulsar na compulsão de dizer “arte de viver”, podemos eventualmente estar a *fazê-lo*: a viver arte, a fazer da arte vida e da vida arte (a matar a “arte”, a matar a “vida”, a matar o *nome* do inominável). Só no momento em que “arte de viver” perdeu todas as suas âncoras de *necessidade* lógica numnexo causal, só *aí*, talvez, na dissolução de todos os *nós*, é que esse seu desejo de unificação se implementaria enquanto *praxis*, e o uno apareceria sensível, sensorial, sensual, passando a ser sensação, sentimento, sentido, num único *presente*. Só *aí*, *no presente*, “arte de viver” afirma-se alegremente como *sem-sentido*, subtraindo-se totalmente à cadeia significante, e pode uma “arte de viver” (des)*aparecer* e singrar – sem consciência em *nós* – pois só agora se anulou enquanto proposição lógica e conceptual, só agora deixou de existir metafisicamente e só, *agora*, passou a existir *naturalmente*. Só agora “arte de viver” *desapareceu* nascendo, só, *agora*, deixou de “inexistir”¹¹ e existe *agora*, só, *sem nome*. Só, *agora*, nasce a desapareição da distinção entre arte e vida e vai *aparecendo o apagamento* de toda a arte de viver. Neste presente sem nome, o do uno, já não há *obras de arte*.

9 O que restaria? Quando o *si próprio* fosse esquecido pelos sujeitos de uma comunidade? A liberdade?

10 Aquela, a socrática, que pertence somente a todos os ontens e que só amanhã chegará, a que tem de estar *cá*, *agora*, *aqui*, *hoje*, para que, *lá*, *aí*, no presente, o todo se abra uno.

11 *i.e.*, existir como inexistência.

Ontem, **aqui** – no “hoje”¹² – o *intervalo* entre arte e vida **aconteceu**¹³ num total amalgamento e imiscuição da arte na vida – a arte é vivência e nasce viva na vida – faz-se. Esse intervalo assegura que arte e vida existem *ao mesmo tempo* (desunidas uma na outra, reunidas) e que a experiência do seu diferir é uma experiência de *contemporaneidade*. Mas **lá** – no *presente* – arte e vida **nascem**⁵ juntas, *num mesmo tempo*, sem necessidade (lógica) alguma, e não é **aí** que residem vínculos, pois os elos travam-se aqui, hoje, onde há um dois: vida; e; arte; ...

Hoje apenas falar podemos, projectando no discurso a imagem que fazemos do uno e da união da vida na arte num mesmo fazer, e não da unidade que **aí e agora** temos o poder de *fazer acontecer aqui*. Até lá! Até ao presente, que nunca é agora e é só sempre, até lá, até à quimérica concretização do humano, há a arte e há a vida, e há a arte de viver como inconcretização do uno, inconcretização em que arte e vida participam uma na outra, fazem parte, articulam-se, conjugam-se na sua disjunção, conjuntam-se na sua desunião, subsumem-se mutuamente, revezam-se em aglutinações de uma na outra, são meramente contemporâneas. Até lá, até deixarem de somente se contemporanizar para se unirem num só presente, arte e vida combatem numa metamorfose recíproca de mútua penetração, e continuaremos a trilhar um caminho de presumíveis propósitos, em busca de uma arte de viver que seria um trilho de *finalidades sem fim*. Enquanto assim for, haverá arte, e haverá vida, e enquanto assim for, a humanidade ainda *se reconhece a si própria* (*reconhece-se* nas necessidades que regem a necessidade de uma arte de viver).

A necessidade de que surge a arte não *terá sido* uma necessidade lógica, *será* uma falta primordial que *proveio* de uma falha qualquer e que qualquer falha em falta *pode* motivar. Um desconhecido ausente mas *vital* a que se responde com uma incognoscibilidade, a arte. Sem o pressentimento (que por vezes roça apenas o preconceito) de uma lacuna primordial, nós *somos nada*, e, até lá, nós *não somos nada*. Para não ser nada é preciso uma arte de viver, é preciso fazer do espaçamento uma fractura *exposta*. Da perpetuidade desta humana irrealização (que separa arte e vida) depende o desejo humanizante de concretização (que necessita

12 Palavra com que a tendência histórica do espírito humano faz confundir o “presente”.

13 O intervalo **acontecEu**. | O presente **nasc”e”**. (Usar a linguagem com oportunismo encerra o mais significativo do engenho humano.)

lidade; sentido; sentimento – há *só* a brutalidade de um *Sim* sem porquê nem consentimento, em que tudo isso ocorre uno, é-se *presente* num *Sim* assim, presente, sem tempo e sem espaço. Participa-se no mesmo, saindo-se das contemporaneidades e entrando no presente, sem tempo e sem espaço, em que o ser é só ser, é só sendo. É só. É, só só.

.de Dentro da linguagem (de onde não há fora?!) a mesmidade¹⁵ entre arte e vida é uma abertura (ou uma janela partida, um furo de liberdade num balão de fôlego, um buraco de traça, um rasgão *têxtil*, uma dolorosa e violenta chaga) paradoxal. Paradoxal, pois! pois (e não “porque”) movimenta-se para uma das mais imanes *formações*¹⁶ de “*nós*” enleados nela – aquela forma de *nós* que é tão distante e ascética quanto latente, intravenosa, comunidade estética assente no espírito (linguagem, “simplesmente”) que é tão intelectualmente ideal quanto terrenamente fisiológica, *feita* dos mais metafísicos desígnios e dos mais corpóreos e viscerais humores, comunidade erótica – sim, *é assim*, ininteligível. Na solidão mais singular de tudo o que é o *mesmo*, surge a mais forte comunidade. É este o paradoxo a que nos dispomos quando expostos à força da arte, o paradoxo do mais comum em nós. A arte revela-nos o nós mais comum a partir da solidão de cada um, e quanto mais afastado e ascético é a dimensão subjectiva, mais fortemente enraizada na terra, no mundo, no outro ela acabará por se revelar. (E que sentido faz isto? Nenhum! É *sem-sentido*. É a dimensão ética mais nativa da arte, o cultivo estético do comum e a comunidade do culto dos *nós* entre nós. É *aí*, no presente, onde já não tem sentido falar de estética e ética, pois já são corpo incorporado na vivência e no viver, que a arte se apoia no abismo da vida, e que a vida se ampara nos precipícios da arte. Caem juntas! Caem *juntas* nesse imparável combate pela *união*.)

Há, então, uma solidariedade paradoxal nesses nós solitários em cada um de nós, e a arte põe-nos lá mais intensamente (põe-nos lá, expondo-nos aos nossos nós). Talvez essa paradoxalidade da solidão solidária, possa ser a residência mais forte do que Kant¹⁷ chamava *sensus communis*. Uma arte de viver seria o império

15 Inconfundível com “identidade”.

16 Aqui o oposto de “formulações”.

17 Kant que, como nós, foi um *dekantador* da cognição, sempre separando o que nasce uno no pensamento.

comunitário que nutriria o *sensus communis* como o estado exclusivo da natureza social humana – Título: “*Arte de viver*” como programa político impossível. Que utopia é esta? Que rótulo acoplar a esta política onírica da arte em vida e da vida em arte? Comunismo? Anarquismo? Surrealismo? Não pode haver programa ou manifesto para a política da arte. Política, em arte, é uma força que ecoa em *efeitos imediatos* e não em *consequências* (as consequências são fruto das políticas aplicadas à arte, da instrumentalização ideológica da arte, da política corrompendo a arte). As consequências, são do domínio da *cultura*. A política imediata da arte é um movimento completamente intrínseco à vivência da arte. Pode revolucionar a subjectividade e o nós interior e comunitário de cada um, singularmente. Nada tem que ver com o embandeiramento estético, panfletário, publicitário, propagandista, ou bélico das expressões artísticas.

Em arte o sentimento do *mesmo* dá-se pela mesmidade entre ética e estética. Se quisermos – mas só mesmo se quisermos crer – podemos constatar como estas duas categorias podem engavetar tudo aquilo a que chamamos pensamento, e tudo o que com ele vamos inventando para nos conseguirmos identificar a nós próprios como humanos (afectos, emoções, valores, atitudes, juízos, decisões, credos, sentimento, sensibilidade, *i.e.*, um grande etc., ao qual chamamos, no vulgo, humanidade). Claro está que ser mesmo, autoriza o total abandono da diferença, da distinção. Acreditar na mesmidade entre estética e ética implicará o abandono total destas duas formulações conceptuais, “ética” e “estética”, anulará a utilização de ambas e de cada uma delas, conjuntamente e isoladamente, dissipando-as na indiferenciação, na indistinção. Mas como tornar a mesmidade um dado, sem começar por separar o que é uno, sem variar, sem partir de um repartir, sem corromper para entender, sem inventar múltiplos virtuais na incompleta insegurança que são os conceitos?

A crença na mesmidade entre ética e estética parece ser inseparável da crença na mesmidade entre arte e vida. Um sistema regido por esta crença na mesmidade está em implosão, pois a crença na mesmidade perturba ao ponto de destruir qualquer dinâmica sistémica do diferir em que se desdobra qualquer sistema lógico. A mesmidade inquina toda a cognição assente num movimento sistémico, todo o conhecimento que se adquire por sistematização mecânica do pensamento e da linguagem. (Daí que não possamos *dizer* que essa mesmidade exista, mas sim *mos-*

– que une enquanto separa, que divide juntando, que diferencia identificando. Esse “e” é o *mesmo* “e” que preside a todos os binômios e dualismos que a linguagem e o entendimento vão elegendo como primordiais e fundamentais. É *um*, *e* é um mesmo “e”. Esse “e” conserva a mesmidade, *assim*, em potência, e qualquer arte de viver conserva o uno *assim*, porvir.

Até lá, até à dissolução de toda a razão, o mesmo deixa-se abrir num paradoxal *e* que está entre todas as formulações “arte e...”. Arte e tudo o que na vida recebe da parte do nosso entendimento uma relação dual e matricial com “arte”, relações a que a linguagem tende a *dár-nos*, lança-nos lá enlaçando-nos nos nós que *inventamos* nela. Esse *e* apresenta-se como um ponto cego conceptual (não por para ele haver falta de conceitos, mas, pelo contrário, porque esse [e] é exposto; expõe, denuncia, e expõe-nos à indeterminabilidade excessiva do excesso de conceptualizações), um excesso de que brota o *nada* inabarcável a que estamos expostos. Como seria se esse nada, se esse “e” (i)nominável fosse dizível, representável? – Não haveria vida, só haveria arte!(?) – Não. Não haveria vida, não haveria arte, haveria um *mesmo* sem *nós*. Arte e vida unem-se num mesmo que desfaz todos os *nós*, *um mesmo inconcretizável que está para lá de uma arte de viver, sendo que a arte de viver, na sua precaridade – precaridade alegre, precaridade triste – é o que nos resta e o que resta em nós*. Por enquanto, no limite, arte de viver será, *na prática*, uma entropia funcionante que exacerba nós comuns a todos nós, gerando uma erosão que vai pulverizando a esperança e o sedimento político de nós universalmente comunitários (utópicos), com que a humanidade se possa atar ao ser, e em que “...estética e ética são uma e a mesma coisa...”¹⁸ *socialmente*, e para lá da *metafísica e da mística*, na “magia” do real, no presente, na vivência em arte.

Parece que o paradoxo *aparece* radicado na paradoxalidade da imagem, de toda a condição imagética e simbólica do humano – liberdade enclausurante de que são reféns todos os nós. Talvez sejam as imagens da arte, *i.e.*, as imagens que se *fazem* em nós e que *aparecem* em nós diante da aparência sensorial da arte (da arte, mais do que de outros fenômenos da vida) que ultimam esta indecifrababilidade, pois fazem-nos tender para a constatação de que [não] há nada para decifrar, e reforçar que nenhum paradoxo é decifrável, e que o desconhecido é estático, e que a in-

¹⁸ Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.421.

cognoscibilidade é fixa, e que imutável é tudo aquilo que não sabemos, e que intransitivo é o desconhecido, e que é aí que reside a nossa mais íntima identidade, pressagiando que lá existe uma fissura que antecede todas as roturas, e que o desejo é intervalo na residência de um hiato perpétuo que apelida de anedótica a vontade, no âmago mais definido da indeterminação, no cerne mais indefinido da ignorância. Este é um dos seus *sins* irreduzíveis, um *sim* que se dirige a uma negatividade: *sim*, não há (nem tem de haver, nem pode haver, nem haverá) solução; e onde impera a insolubilidade, não há mistério, tão pouco enigma; *sim*, paradoxal. Para mistérios e enigmas, estamos cá nós, com discurso; o *sim* paradoxal ambienta-se onde só ele basta, e convive com a indizibilidade. Não se reduz abaixo dele, não se vai lá dentro, *nada jaz em latência*; não se constrói, não se destrói, não se produz, não se deduz (só seduz) – é uma experiência sentimental toda e ao mesmo tempo numa imediatez de humanidade em nós que vivemos onde impera o sentimento *disto mesmo* como paradoxalidade existencial [Nunca lá estamos (?)], entre a perpetua presença de um não que é o da morte, e o seu contacto infinito com um *sim* vital. A imagem da arte surge no âmago, ou num dos múltiplos âmagos (que são todos) desta turbulência disjuntiva, pois, dizem (e alguns assim o sentem), é a consciência (real) da morte pelos vivos e a projecção do nada (virtual e positivo) vivo que é a morte (negatividade fictícia) que *força* (pelo antagonismo de “pressões”) o engendrar-se da arte – e de tantas outras maravilhosos *forças* que poderiam ter recebido esse nome – no ser espiritual da linguagem. A arte pode assim afluir de um rio de não e de projecções de nada para ir *fazendo* um *sim* de afirmação vivificante, um *sim* só *assim*, só (,) aparente onde [0] nada esconde.